

Uma nova forma de precariedade? A descompetencialização profissional no centro do sequestro da qualidade do jornalismo e no centro da obsolescência da sua ideologia ocupacional

Tiago Lima Quintanilha

ICNOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1069-061 Lisboa, Portugal

Contacto: tiagoquintanilha@fcsh.unl.pt

[Scopus](#) / [ResearcherID Publons](#) / [ORCID](#)

Scopus Author Id

55235926000

Researcher Id

AAX-7144-2021

ORCID iD

0000-0001-9189-481X

Resumo

Este artigo procura responder a uma das principais lacunas identificáveis no debate sobre descompetencialização profissional no jornalismo, que consiste numa dificuldade em isolar da restante polissemia conceptual produzida, um conceito que é crítico na interpretação dos desafios impostos ao jornalismo.

Para tal, e com recurso a uma sistematização da literatura sobre descompetencialização profissional, chegamos a uma definição estruturada e maximalista deste conceito de descompetencialização no jornalismo que resulta fundamentalmente da arrumação dos múltiplos significados em dois indutores principais: despadronização do trabalho jornalístico e imediatismo na produção jornalística. Uma descompetencialização na profissão de jornalista que, conclui-se, constitui um novo tipo de precariedade da prática (para além da precariedade do emprego e da precariedade do trabalho) capaz de capturar a qualidade jornalística e que está no centro da obsolescência da sua ideologia ocupacional.

Introdução

O novo processo evolutivo nas relações entre media e sociedade inaugurou uma arena de disrupção permanente no jornalismo pós-industrial (Hirschhorn, 1988/2006; Jenkins, 2006; Deuze, 2017; Sonwalker, 2019), potenciada pela aceleração de fluxos informativos e pela hiper-abundância de conteúdos que levaram à liquidificação da economia clássica dos media via redução do valor económico da notícia (Tandoc, Jenkins & Craft, 2019).

Este processo, adjuvado por um outro fenómeno de desintermediação no jornalismo provocado pelo robustecimento e circulacionismo (Manovich, 2020) dos subjornalimos nas arquiteturas em rede (Benkler, 2006; Beckett, 2008; Hjarvard, 2012; Steensen, 2016; Benson, 2019), tem levado o jornalismo, e o jornalista – definido lapidarmente por Paquete de Oliveira (1988) como o profissional envolvido na produção de mensagens –, a uma renegociação permanente do seu contrato com a sociedade (Singer, 2010; Karlsen e Stavelin, 2014; Zelizer, 2015), ao mesmo tempo que fortes disputas concorrenciais se desencadeiam num contexto de desinvestimento de anunciantes que migram para os grandes *players* digitais com maior capacidade de fazer *lock-in* de audiências em resultado daquilo a que Hindman (2018) definiria por maior grau de viscosidade online. O resultado são *legacy media* pauperizados, com dificuldades de captação de receita, que laboram em lógicas de racionalização de recursos ao mesmo tempo que tentam desesperadamente produzir conteúdo informativo com valor de mercado (Compton, 2010; Carlson, 2014).

Nesta conjuntura consolida-se, ainda mais do que no passado, uma supra-ideologia tecno-mercantil de jornalismo (den Bulck, 2018) que passa a disputar os valores, objetivos e função positiva da profissão (Bruns, 2005; Deuze, 2005; Fenton, 2010; Singer, 2010; Hjarvard, 2012), ao mesmo tempo que os seus profissionais mergulham num sistema triádico de fazer mais, mais depressa, e com menos recursos, numa derivação para uma espécie de novo taylorismo profissional.

Como resultado, assistimos a uma consolidação de tendências descompetencializadoras no jornalismo, com impacto no fazer jornalístico (prática) mas também no saber jornalístico (epistemologia) (Rottwilm, 2014). Tendências descompetencializadoras que se posicionam como antagonistas da ideologia ocupacional do jornalista (Hermida, 2019). Este artigo de revisão sistemática da literatura procura recuperar este debate e aprofundar o conhecimento sobre um conceito que é absolutamente crítico na compreensão dos desafios que se colocam ao jornalismo, aos jornalistas, e à qualidade da prática: o conceito

de descompetencialização¹, tão caro a alguns dos mais celebrados autores nos estudos de jornalismo (Cottle, 2000; Deuze, 2001, 2005, 2007, 2009; Deuze & Yeshua, 2001; Singer, 2004; Chambers & Steiner, 2010; Fenton, 2010; Rottwilm, 2014; Örnebring, 2019), e que se constrói em camadas, isto é, de acordo com a arrumação de outros micro e meso conceitos que delimitam de forma difusa grande parte da literatura existente sobre desafios impostos ao jornalismo.

Adicionalmente, procuramos resistir à tentativa meta-teórica mais ou menos revisitada no campo das revisões de literatura dos estudos de jornalismo. Desta forma, assumimos o desejo de responder a eventuais lacunas que possam existir no conhecimento já produzido sobre este assunto, nomeadamente na articulação que se possa fazer entre a compreensão destes fenómenos descompetencializadores da prática jornalística, e a sociologia do trabalho que se debruça sobre questões de trabalho digno, de remuneração do trabalho executado, e de identificação de formas de precariedade nas arenas de casualização do trabalho potenciadas pela economia global e pelo informacionalismo enquanto bases materiais das sociedades do século XXI.

A origem do conceito

A inclusão do conceito de descompetencialização nos estudos de jornalismo é de difícil localização temporal.

No entanto, este conceito está presente noutros campos científicos de uma forma mais estabelecida, como é o caso das sociologias do trabalho, do emprego e das profissões, ao acompanhar um debate mais ideológico sobre as transformações operadas pela globalização económica na sua relação com o mercado de emprego, nomeadamente na dimensão de exploração do trabalho nos sistemas capitalistas (Wall & Parker, 2001; Abel, 2001; Star, 2001; Saunders, 2001; Castells, 2002; Kim, Garrity, & Sanders, 2003; Man, 2004; Carroll & Mentis, 2008; Ferris, Sarter & Wickens, 2010; Gamst, 2015; Baba, 2015; Bowker & Star, 2015; Leslie & Rantisi, 2019; Downey, 2021; Martinaitis, Christenko & Antanavičius, 2021).

Um desses debates gira em torno das figuras da racionalização e da flexibilidade de recursos, que acompanha, de certa forma, o racional de Manuel Castells (2002) na sua obra *A Sociedade em Rede*, quando este fala de um conjunto de oportunidades que o processo de globalização e o informacionalismo operaram nas empresas de países

¹ Tradução livre de *deskilling*.

capitalistas, ao nível da redução de efetivos a um número estritamente indispensável, ao nível da flexibilidade e dos contingencialismos contratuais, e, em traços gerais, ao nível das profundas mudanças que atravessaram o mercado laboral na direcção da sua desregulação, com os objectivos de reduzir a rigidez contratual, de amenizar os constrangimentos do mercado de trabalho pela via da ressignificação dos direitos dos trabalhadores, e de dar às empresas a capacidade de se reorganizarem mais eficazmente em cenários de flutuação económica pela via da maior liberdade de contratação e de despedimento, tornadas possível por uma diluição regulatória do mercado de trabalho (Rodrigues, 2009).

Nas empresas de media e de comunicação não é diferente (Bastos, 2014; von Rimscha, 2016; Matos, 2017; Cobos, 2017), sendo que aquilo que está em causa, de uma forma mais genérica, e em todos os sectores, é obter da força de trabalho, inclusive da permanente, uma espécie de anuência para conjunturas de trabalho ou de remuneração mais voláteis como condição apriorística para continuidade nos empregos, ou como um prólogo para o alcance de um qualquer estatuto de trabalhador permanente continuamente protelado pela cúpula organizacional (Asahina, 2019; Örnebring, s.d.) (i.e. o caso de jornalistas recém-formados, em transumância entre diferentes estágios).

Para Castells (2002), uma das consequências destes processos de enfraquecimento de princípios e direitos fundamentais que coexistem na transição para a economia informacional – onde as tais palavras de ordem como racionalização de recursos e flexibilidade de relações contratuais parecem inclusivamente ir contra, e paradoxalmente, a possibilidade de melhoria das condições e processos de trabalho que estão na génese do próprio paradigma informacional –, é precisamente a internalização de uma ideia permanente de maximização da produtividade e de eficiência de todos os processos produtivos. Uma ideologia que, por arrasto, implica que o trabalhador aplique em qualquer circunstância toda a sua capacidade produtiva, com prejuízo da perfeição e da perícia associadas à representação do ofício. Aquilo a que Bourdieu (2001) ideologicamente designaria por atomização metódica do trabalho, decorrente dos processos mais vastos de dessocialização do trabalho assalariado que sucumbe ao liberalismo hábil e às exigências inflexíveis do “contrato de trabalho leonino sob as roupagens da flexibilidade” (Bourdieu, 2001, p.7). Até porque, tal como descrevem Chen e Soon (2019, p.7), a organização flexível em que muitas vezes assenta o contrato de trabalho constitui o ambiente ideal para estas condições de externalização de descompetencialização profissional.

É nesta perspectiva de abandono da perícia morosa dos projetos profissionais bem delineados, a favor da consolidação de uma gestão flexível (geralmente associada a uma dimensão de redução de efectivos) que responda ao impacto interligado da globalização económica com a difusão das tecnologias de informação em contínuas cadeias de produção que buscam principalmente o produtivismo para obter lucros a curto-prazo (Castells, 2002), e onde, simultaneamente, ocorre “uma desintegração do processo de trabalho e uma desintegração da força de trabalho” (Castells, 2002, p.314), que o conceito de descompetencialização profissional parece assentar a sua força.

Com efeito, Gamst (2015) afirma que a descompetencialização profissional acontece quando há um contínuo definhamento de competências – que, para Ferris, Sarter e Wickens (2010) pode afectar também a dimensão cognitiva –, levando precisamente a um proletariado desapossado de perícia como reflexo de condicionalismos, sobretudo externos (Chen & Soon, 2019), impostos pelo capitalismo e pela desregulação dos mercados de trabalho (Wood, Graham, Lehdonvirta & Hjorth, 2019; Martinaitis, Christenko & Antanavičius, 2021).

Já Braverman (1974) aludira de forma decidida, antes, que a descompetencialização profissional, que constitui uma nova fase histórica desse capitalismo, resulta numa completa inversão da perícia e do ofício, e, por isso mesmo, estabelece-se como um mecanismo de degradação ou desabilitação no trabalho. Degradação do trabalho essa que, do ponto de vista de Cole e de Cooper (2006), está associada aos tais processos de intensificação produtivista do trabalho.

Com efeito, num artigo publicado por Liu (2006, p.697), os conceitos de descompetencialização do trabalho e de degradação do trabalho são apresentados como expressões de significado exactamente idêntico.

Por seu turno, Gamst (2015) aproximou o significado de descompetencialização profissional, numa perspectiva teleológica neo-marxista, às formas de controlo social dos trabalhadores via minuciosa divisão do trabalho. Formas que projectam a organização desse mesmo trabalho em tarefas fundamentalmente simples e repetitivas capazes de pôr em causa a ideologia ocupacional das profissões, mesmo aquelas frequentemente demarcadas por um monopólio do conhecimento (o jornalismo é uma dessas profissões), quase como se de uma descaracterização identitário-profissional se tratasse.

Para Wall & Parker (2001), Kim, Garrity & Sanders (2003), e Downey (2021), o fenómeno da descompetencialização profissional significa assim, e sobretudo, que existe um processo de simplificação laboral ou uma simplificação de tarefas (seja ao nível da

autonomia para a tarefa, seja ao nível da identidade e significância dessa mesma tarefa), que concorre para um processo contínuo de standardização do trabalho em dinâmicas que tendem a agudizar-se ao longo do tempo (Kim, Garrity & Sanders, 2003). Dinâmicas que encontraram na última grande revolução tecnológica (Downey, 2021) – que McQuail (2007) aludiria como quarta fase e novo tipo de organização societal integrada na tecnologia informacional – um importante condutor.

Um destino que, para Abel (2001) e Carroll & Mentis (2008), começou a escrever-se com as relações de produção dos séculos XVIII e XIX, e que, para Chen e Soon (2019), é fundamentalmente o efeito de uma proletarização contingente do mercado de trabalho e das profissões que o ocupam, numa premissa que contraria inclusivamente os paradigmas da transformação e transição lineares de uma economia manual para uma economia baseada no trabalho criativo (Chen & Soon, 2019). Algo que, segundo os autores, muitos académicos não conseguiram prever, ajudando a sustentar o debate de décadas, com transferência para a sociedade, de que o trabalho criativo era essencialmente imune ao princípio da descompetencialização profissional, sendo esta descompetencialização profissional, hoje, um elemento extremamente útil para compreender precisamente a proletarização desse mesmo trabalho criativo.

Ainda no campo da associação da descompetencialização profissional à consolidação dos modelos capitalistas, Cole e Cooper (2006), ao estudarem de forma sistemática, e ao longo do tempo, este fenómeno no sector ferroviário japonês, concluíram que os processos de privatização de diferentes indústrias também acabam por levar ao recrudescimento de bolsas de descompetencialização profissional, posicionando igualmente este fenómeno como consequência de processos de desestatização oferecidos pelo liberalismo económico.

Adicionalmente, um estudo realizado no Canadá no início do milénio, envolvendo imigrantes chinesas naquele país, concluiu que o trabalho de mulheres imigrantes também está mais susceptível ao problema da descompetencialização profissional, introduzindo e posicionando assim este tema no campo das desigualdades sociais, étnicas, de género, de classe e de cidadania.

Problema de descompetencialização profissional este que, apesar de tudo, não é estático, e que, em determinadas situações, gera reacção no sentido da recompetencialização profissional, algo que Agnew, Forrester, Hassard e Procter (1997) descobriram acontecer em sectores muito específicos, como é o caso do sector da computação e da informática

mais susceptível a atualizações contínuas da técnica profissional, o que também sucede em determinadas fases de *follow-up* na indústria automóvel (Forslin, 1990).

Adicionalmente, mencionam Chen e Soon (2019), o debate sobre descompetencialização profissional assimilou tarde a ideia de que, muitas vezes, e em muitas atividades profissionais, a agudização desta descompetencialização profissional faz-se paradoxalmente acompanhar por um aumento dos níveis qualificacionais dos trabalhadores, até em virtude da amplificação dos níveis de escolaridade da população ativa. Um debate tardio que fica talvez a dever-se a uma certa tradição do pensamento marxista que atribui às mais altas competências tarefas também mais complexas (Ertürk, 2019), e que Braverman (1974) rejeitou cedo, ao apontar, por exemplo, que o fenómeno da descompetencialização profissional não se limitava a trabalhadores de colarinho azul ou pouco qualificados, afectando igualmente trabalhadores de colarinho branco ou os designados altamente qualificados.

Isto implica considerar que existe por vezes um desajustamento claro entre a qualificação como princípio de controlo de entrada nas profissões (em constante incremento com o aumento e diversificação dos níveis de educação terciária), e a complexidade da tarefa que se realiza ao abrigo desse selo qualificacional. Ou, se quisermos, uma desarticulação entre o nível qualificacional exigido para entrada numa determinada profissão, como é o caso do jornalismo, como veremos a seguir, e a redução ou uma espécie de definhamento de competências e perícia historicamente necessárias ao desempenho dessa prática, ainda que Chen e Soon (2019) reforcem a necessidade de considerar, nesta abordagem, as necessárias oscilações inter-profissionais, até por causa dos fenómenos de recompetencialização profissional que ocorrem em profissões muito específicas e não tão susceptíveis aos fenómenos de descompetencialização progressiva (Forslin, 1990; Agnew, Forrester, Hassard & Procter, 1997).

O conceito nos estudos de jornalismo e nas ciências da comunicação

A aplicação do conceito de descompetencialização nos estudos de jornalismo tende a surgir integrada numa holística que tem feito história neste campo disciplinar, e que diz respeito aos múltiplos desafios colocados a esta atividade – tão impactada pelos efeitos do pós-industrialismo e pela tecnologia informacional – na renegociação do seu contrato com a sociedade. É esta holística que determina que o conceito esteja fortemente mergulhado em discursos onde predomina alguma polissemia conceptual.

Contudo, e sendo a utilização do conceito sobretudo localizável em autores-charneira no patrimônio teórico dos estudos de jornalismo, passa a ser possível estabelecer um racional de entrada do conceito como elemento central no debate sobre a captura da qualidade da prática profissional e sobre a obsolescência da ideologia ocupacional da profissão.

No início do milênio, Simon Cottle (2000) sinalizava que a prática jornalística passara a estar susceptível a processos de desabilitação profissional como resultado dos procedimentos forçados de diversificação de competências profissionais que acabavam por ter um efeito perverso na qualidade da prática, fazendo associar assim a questão da descompetencialização a uma pressão para a intensificação das valências profissionais múltiplas nas redações.

No entanto, esta discussão foi inicialmente situada de uma forma ambivalente. Autores/as como Jane Singer (2004) tentaram perceber junto dos profissionais jornalistas, num momento em que estas questões começavam a surgir no debate sobre as grandes transformações operadas pela tecnologia informacional na profissão, se esta pressão para o incremento de competências e para um certo abandono da departamentalização no trabalho jornalístico implicava uma perda do saber-fazer, ou se, em contrapartida, poderia significar um aumento dos níveis de competencialização. Uma discussão que, ao longo do tempo, reforçou o peso da primeira hipótese e reduziu o peso da segunda, sobretudo por causa de uma amplificação das questões relacionadas com os processos de simplificação da matéria noticiosa.

Com efeito, cerca de 15 anos depois das primeiras ideias enunciadas por Cottle (2000), o discurso de Rottwilm (2014) tornava a afinar pelo mesmo diapasão, sugerindo que a atividade jornalística, ao exigir cada vez mais polivalência e multitarefas, acabava por potenciar mecanismos de incapacitação do desempenho profissional e de diferentes tarefas na sua plenitude, conduzindo à tal ideia de descompetencialização que Fenton (2010), alguns anos antes, também havia caracterizado como uma das graves causas de um mecanismo mais vasto de desregulação dos níveis de profissionalismo na atividade jornalística.

Esta associação do termo descompetencialização, enquanto conceito, às polivalências e multitarefas, ganhou assim predominância e essa predominância é identificável, por exemplo, numa das obras com grande peso nos estudos de jornalismo nos últimos anos, *The Routledge Companion to News and Journalism*, organizada por Stuart Allan (2010), onde, numa das entradas para glossário, o conceito de descompetencialização acaba por remeter precisamente para os significados e consequências de outros dois atributos

fortemente revisitados neste campo de estudos: os multiformatos e as multitarefas (Waisbord, 2013).

Por outro lado, outro dos autores-charneira neste campo científico, Mark Deuze (2001, 2005, 2009), tem vindo ao longo dos anos a posicionar o debate sobre a descompetencialização no jornalismo numa perspectiva fundamentalmente crítica do revisitado mito da internet enquanto panaceia tecnológica, ao entender precisamente este desafio da descompetencialização imposta à profissão jornalística como uma consequência da transição para o jornalismo pós-industrial online (Deuze, 2005).

Uma transição suficientemente poderosa que foi capaz de configurar uma dramática mudança conceptual da prática jornalística (Deuze, 2009) que se viu envolvida num declínio acentuado das estruturas de supervisão do fluxo informativo, por exemplo, e que tem tido cumulativamente de lidar com novos dilemas éticos que afectam a sua credibilidade (Deuze & Yeshua, 2001). O próprio processo de recolha e tratamento de informação no jornalismo pós-industrial encerra em si mesmo um sintoma maior da descompetencialização a que esta profissão está sujeita, resultando numa reconversão do trabalho que passa da escrita de notícias para simples projeções ensaiadas em formatos de replicação de conteúdos informativos trivializados, mecanizados e indiferenciados, que são muitas vezes cópias exactas de notícias publicadas por outras marcas – de novo, a dimensão associada aos processos de simplificação laboral e de tarefas.

Adicionalmente, o também celebrado autor Henrik Örnebring (2009, 2010, 2019) refere que o processo de descompetencialização no jornalismo tem ganho tracção, e sustenta a ideia anteriormente discutida de que esta descompetencialização decorre de uma relação quase institucionalizada na nova prática jornalística, que diz respeito ao binómio fazer mais rápido e em diferentes plataformas (novamente os significados de multi-tarefa e de polivalência bem presentes, aos quais se adiciona a dimensão de imediatismo) que são uma consequência da captura dos formatos de jornalismo pericial e moroso em trabalho padronizado, pela intensificação da gestão tecnocrática e do controlo organizacional.

Uma captura que ocorre paralelamente à consolidação de uma prática que se volta progressivamente para a produção massiva, produtivista e em ciclos contínuos, de conteúdos rápidos, de qualidade discutível, e em *speed-up* e *deadlines* permanentes, que refulgem na era de hiper-comercialização das notícias. Notícias que se tornam, elas próprias, numa comodidade como outra qualquer, arrastando o trabalho jornalístico para esferas de discussão que o distanciam da prática pericial seminalmente associada ao ofício. Uma ideia que Örnebring sublinha como sendo a principal razão por que se refere

que um dos sintomas mais claros de descompetencialização no jornalismo consiste na ideia por vezes veiculada de que o circulo das notícias mais básicas em cadeias de produção contínuas dispensa uma formação específica ou muito aprofundada em jornalismo, o que, de resto, até pode servir aos próprios gestores de grupos de media para quem, nos jogos de lutas ideológicas, e recuperando as palavras quase proféticas de Carr-Saunders (1933), os jornalistas não detêm sequer o monopólio da técnica indispensável ao exercício desta atividade.

Örnebring (2019) vai mais longe e refere que um dos problemas de base neste debate sobre competências jornalísticas ou sobre a sua descompetencialização, consiste precisamente numa dificuldade histórica em balizar aquilo que pode ser entendido, a montante, como uma competência jornalística. Uma discussão que acompanha, de certa forma, aquela outra sobre definições não consolidadas do que é jornalismo e o conflito permanente entre a substância normativa do jornalismo e o seu procedimento justificativo (Anderson, 2019).

Arrumando o conceito ou as múltiplas camadas da descompetencialização profissional no jornalismo

A proposta metodológica deste artigo não se esgota numa sistematização da literatura existente sobre descompetencialização na atividade jornalística. Na verdade, o grande desiderato deste trabalho consiste em avançar no conhecimento já produzido, isto é, em encontrar eventuais lacunas que aí possam existir.

Para que tal seja possível, propõe-se nas linhas seguintes uma arrumação do conceito, avançando com uma indicação daquelas que são as grandes camadas meso e micro por detrás de um significado macro de descompetencialização profissional. Se quisermos ser ambiciosos, uma proposta que faça por situar aqueles que são, na literatura, os grandes indicadores e indutores de descompetencialização na prática jornalística.

Neste sentido, oferecemos a esta discussão sobre descompetencialização na profissão jornalística, um esquema onde os significados de despadronização da prática jornalística e de imediatismo se posicionam como fundamentais para uma consolidação mais estruturada e maximalista do conceito.

Numa dimensão de análise mais meso, o significado de despadronização do trabalho jornalístico (Cohen, 2012) implica, na prática, um processo acelerado de desregulação do fazer jornalístico e dos níveis de qualidade da prática, e, por consequência e inerência, uma redução dos níveis de profissionalismo.

Nesta despadronização do trabalho, as dimensões micro, vistas amiúde, da polivalência e dos multiformatos, que têm o efeito perverso de capturar a realização de tarefas e de formatos na sua plenitude, e que são também uma consequência de reconfigurações contínuas da divisão do trabalho orientadas para a racionalização de custos, tempos e recursos, consolidam cenários de abandono da departamentalização do trabalho. Isto traduz-se na tal captura do trabalho padronizado, da perícia, da especialidade e do ofício moroso. O vínculo a este jornalismo tecno-mercantil e produtivista ganha assim um profissional mais generalista, capaz de responder à acumulação das tarefas simplificadas, aos multiformatos e às polivacências exigidas pelo circulacionismo (com valor económico praticamente nulo) quase insane de notícias. Contudo, ganha também um tipo de jornalismo que converge para níveis inferiores de profissionalismo, uma vez que se estrutura em torno de uma prática desabilitada, simplificada, e marcada por aquilo a que Deuze (2009) designou por declínio da estrutura do procedimento com impacto na sua credibilidade.

Ainda no plano meso, o papel do imediatismo (Beckett, 2010; Fenton, 2010; Hass, 2011; Karlsson, 2011; Hjarvard, 2012; Waisbord, 2013) enquanto extensão de uma aceleração no jornalismo pós-industrial – que evoca, de certa forma, a própria aceleração generalizada das sociedades modernas proposta por Harmut Rosa (2015) –, entronca nas noções de ubiquidade e de omnipresença informativas, e na velocidade e antecipação informativas enquanto atributos preponderantes na saliência dos fluxos informativos contínuos. Em última análise, uma espécie de estar sempre a fazer e no menor espaço de tempo, em ciclos de 24 horas por dia e em tempos pressionados no formato *speed-up*, onde a máxima “*The value of information does not survive the moment in which it was new. It lives only at that moment*” (Benjamin, 1968, p.90) nunca pareceu ser tão apropriada à narração deste problema.

Este imediatismo constitui-se assim como uma das esferas fundamentais para entender a forma como as rotinas e lógicas de trabalho dentro das redações se alteraram e continuam a alterar, e onde a busca incessante por novos formatos e agendas inovadoras marcam o caminho de uma indústria que ainda continua a tentar encontrar um modelo de negócio viável para as notícias na era digital (von Rimscha, 2016).

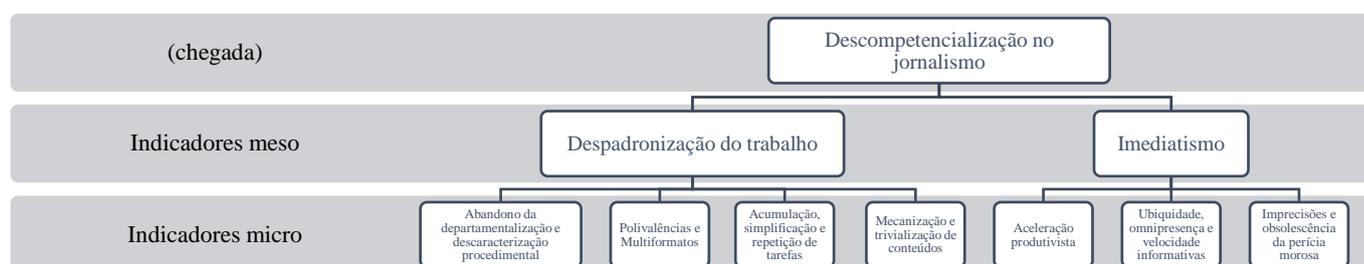
Imediatismo que, nas palavras de Beckett (2010), potencia uma espécie de caldeirão de materiais e conteúdos noticiosos duvidosos que passa a ser preciso saber evitar, e onde o jornalismo investigativo, especializado e pericial, que resulta do desempenho da tarefa na sua plenitude, passa a ser desafiado por um tipo de jornalismo sustentado em contínuos

fluxos informativos capazes de responder às estratégias de monetização das organizações de media. Um imediatismo que, além de tudo o mais, já se consolidou numa espécie de norma procedimental (Buhl, Günther, & Quandt, 2017).

E mesmo que os jornalistas ainda tentem combinar imediatismo e precisão na produção noticiosa (Mir, 2014), parece avisado trazer a debate as palavras de Fenton (2010) e de Karlsson (2011), quando estes referem que o imediatismo não é mais do que uma espécie de catalisador de uma certa forma de falência da função social do jornalismo, impactando directamente a sua qualidade via produção de notícias cada vez mais expostas a erros e a incorreções que são o reflexo mais óbvio de uma prática a concorrer para a crescente descompetencialização (desabilitação).

Ensaíamos assim uma proposta de sistematização do conceito de descompetencialização, assumindo para o efeito os diferentes níveis micro e meso que permitem balizar este conceito enquanto ponto crítico na interpretação do sequestro da qualidade do jornalismo e na interpretação da obsolescência da sua ideologia ocupacional.

Figura 1: Sistematização do conceito de descompetencialização na profissão de jornalista



Uma nova forma de precariedade?

A tradição dos estudos sobre precariedade profissional precede mas também acompanha a emergência daqueles que reflectem sobre a transição histórica para a sociedade informacional e para a economia global, e a forma como esta transição é acompanhada pela precarização das condições de vida e de trabalho (Castells, 2002).

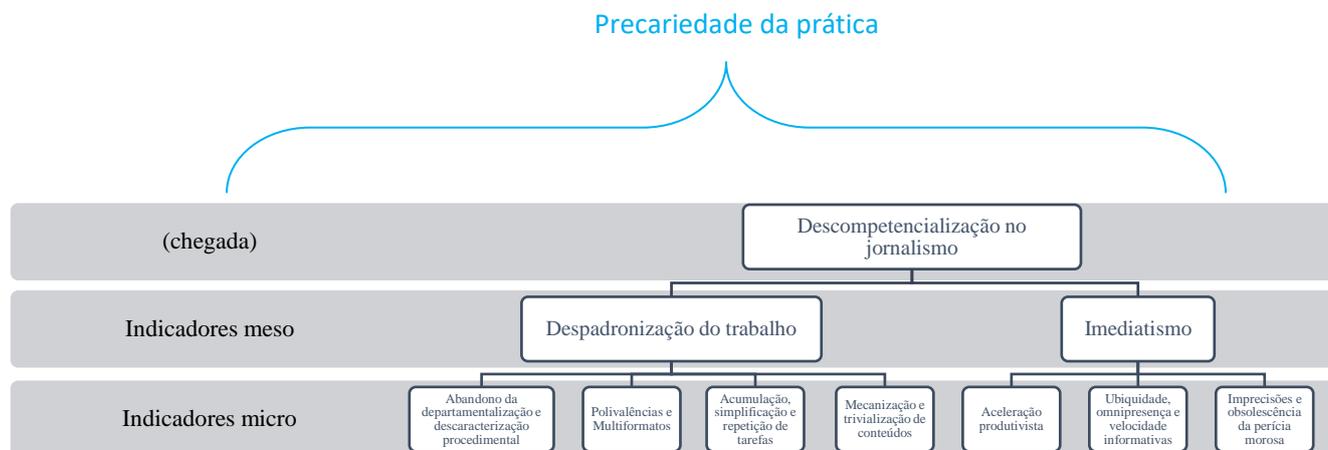
Um dos autores-charneira neste campo de estudo sobre precariedade profissional é Serge Paugam (2000a, 2000b), autor que fica, por um lado, ligado a um prolongamento de algum pensamento durkheimiano, e, por outro, a uma concepção de precariedade dupla:

a precariedade do emprego, associada à instabilidade da relação de emprego, que na profissão de jornalista está fundamentalmente associada a ligações de contingência, à peça, terceirizadas e em subcontratação, ou a questões como a estagnação de carreiras profissionais no jornalismo, à fraca condição remuneratória, etc; e a precariedade do trabalho atribuível a uma dimensão de dominação na aceitação da exploração do trabalho assalariado, ou uma subordinação normalizada a más condições de trabalho, em virtude dos mercados de trabalho fragmentados, flexibilizados, e capturados pela insegurança generalizada e permanente. Um tipo de precariedade do trabalho que se reflecte sobretudo em questões como a insatisfação perante o trabalho, o desajustamento de expectativas de trabalho, angústia e incerteza (*pathos*), as cargas intensas de trabalho em alargamento muitas vezes coercivo, e a conseqüente diluição das fronteiras entre horário de trabalho e vida privada.

Contudo, a substância do tema tratado neste artigo implicaria à partida, até pelo limite do alcance da tipologia de precariedade dupla proposta por Paugam (2000a, 200b), a introdução de um terceiro tipo de precariedade precisamente associado a esta dimensão de descompetencialização numa profissão como a de jornalista, continuamente desafiada na qualidade da sua prática.

Uma precariedade da prática que difere da precariedade do emprego e da discussão sobre os tradicionais modos de dominação que se jogam nas novas ordens económicas globais, e uma precariedade que vai também além da precariedade do trabalho e das características resultantes da subordinação a esses modos de dominação que impactam fortemente o bem-estar e a dimensão pessoal do trabalhador (precariedade do trabalho). No fundo, uma precariedade sobretudo associada às condições de mudança permanente, difusa, caótica e disruptiva que assolam a prática jornalística na era pós-industrial das notícias, e que acarretam uma desabilitação de um saber-fazer que se torna assim cada vez mais precário na sua relação histórica com a qualidade da prática.

Figura 2: A descompetencialização na profissão de jornalista enquanto nova forma de precariedade da prática?



Conclusão

Este artigo na forma de ensaio começou por situar o tema da descompetencialização profissional no jornalismo enquanto objeto de estudo localizável fundamentalmente no património teórico dos estudos e autores-charneira da disciplina de ciências da comunicação.

Ao contrário do que acontece noutras disciplinas, onde a discussão sobre descompetencialização profissional parece mais consolidada em virtude de uma proximidade e acompanhamento também maiores às consequências negativas oferecidas pelo binómio economia global – informacionalismo na sua relação com o mercado de emprego, a aparente polissemia conceptual que invade o ecossistema dos desafios impostos ao jornalismo pós-industrial – fortemente revisitado nas últimas duas décadas – , faz com que não tenha ainda sido possível trabalhar o conceito, e as diferentes camadas que o compõe, de forma mais estruturada.

Desta forma, a mais-valia deste trabalho, que visa responder às lacunas identificáveis no conhecimento produzido, consistiu em propor uma sistematização do conceito de descompetencialização na profissão de jornalista. Concluiu-se que significados como o de abandono da departamentalização e descaracterização procedimental, a acumulação de formatos e de tarefas, a simplificação e repetição laborais, a mecanização e trivialização do produto de trabalho, a aceleração produtivista, ubíqua e omnipresente, e o recrudescimento de imprecisões resultantes da obsolescência da perícia morosa, podem ajudar a consolidar uma definição maximalista daquilo em que consiste verdadeiramente

a descompetencialização da profissão, e onde muito parece resumir-se a duas palavras-chave capazes de aglutinar os diferentes significados. Falamos dos conceitos de despadronização do trabalho e de imediatismo que, juntos, consolidam as tendências descompetencializadoras da profissão e ajudam a posicionar este debate num novo tipo de precariedade da prática tão característica de uma das profissões mais susceptíveis aos ritmos disruptivos da tecnologia informacional.

Futuras pistas ou o impacto ambíguo da automação na descompetencialização da prática jornalística

A literatura diz-nos que a descompetencialização profissional se agudizou com a última grande fase da revolução tecnológica, e com a estandardização e simplificação de tarefas apoiadas na infraestrutura informacional. No entanto, uma parte dessa mesma literatura, mais recente, também conclui que um dos principais pontos positivos potenciados pela integração da automação nas ocupações profissionais, nomeadamente no jornalismo, é a capacidade de libertar o factor humano das tarefas mais simples e fastidiosas, para abraçar outras mais complexas como o jornalismo investigativo (van Dalen, 2012; Lindén, 2017; Thurman, Dörr & Kunert, 2017).

Neste sentido, parece-nos relevante continuar a acompanhar as dinâmicas de transformação no jornalismo e a forma como estas impactam as competências dos jornalistas, sendo o tema da automação no jornalismo um dos novos temas que suscitarão maior interesse no acompanhamento do eventual reforço das dinâmicas de descompetencialização, por um lado, ou, nos seus correspondentes antípodas, de contextos ressignificantes de recompetencialização na profissão, não sendo igualmente despidendo considerar que, ao final do dia, esta automação aplicada ao jornalismo possa tratar-se apenas de um mero reforço de mecanismos de racionalização de recursos na forma de dispensa de trabalhadores e de libertação, por parte das cúpulas organizacionais, de muitos outros custos operacionais umbilicalmente ligados a um tipo de mão-de-obra historicamente associada à imagem do ofício e da perícia. A acompanhar.

Referências

- Abel, R. (2001). Lawyers. In N. J. Smelser, & P. B. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 8553-8559). Pergamon.
- Agnew, A., Forrester, P., Hassard, J., & Procter, S. (1997). Deskilling and reskilling within the labour process: The case of computer integrated manufacturing. *International Journal of Production Economics*, 52(3), 317–324. [https://doi.org/10.1016/S0925-5273\(97\)00092-3](https://doi.org/10.1016/S0925-5273(97)00092-3)
- Allan, S. (2010). *The Routledge Companion to News and Journalism*. Routledge
- Anderson, C.W. (2019). Journalism as procedure, journalism as values. *Journalism*, 20(1), 8-12. <https://doi.org/10.1177/1464884918806732>
- Asahina, Y. (2019). Precarious regular workers in Japan. *Japan Forum*, 33(4), pp. 633-657. <https://doi.org/10.1080/09555803.2019.1677745>
- Baba, M. (2015). Business Anthropology. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, 2nd Edition (pp. 4-9). Elsevier.
- Bastos, H. (2014). Da crise dos media ao desemprego no jornalismo em Portugal. *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social*, 2(2), 38-46.
- Beckett, C. (2008). *Super Media – Saving Journalism so it can save the world*. Blackwell Publishing.
- Beckett, C. (2010). *The Value of Networked Journalism*. Polis Journalism and Society, London School of Economics and Political Science. http://eprints.lse.ac.uk/31050/1/Beckett_Value_networked_journalism_2010.pdf
- Benjamin, W. (1968). *The Storyteller*. Schocken Books.
- Benkler, Y. (2006). *The wealth of networks: How social production transforms markets and freedom*. Yale University Press.
- Benson, R. (2019). Paywalls and public knowledge: How can journalism provide quality news for everyone? *Journalism*, 20(1), 146-149. <https://doi.org/10.1177/1464884918806733>
- Bourdieu, P. (2001). *Contrafogos 2: Por um Movimento Social Europeu*. Celta Editora
- Bowker, G. C., & Star, S. L. (2015). Science and Technology, Social Study of: Computers and Information Technology. In J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, 2nd Edition (pp. 186-191). Elsevier.
- Braverman, H. (1974). *Labor and Monopoly Capital: The Degradation of work in the Twentieth Century*. Monthly Review Press.
- Bruns, A. (2005). *Gatewatching: collaborative online news production*. Peter Lang.

- Buhl, F., Günther, E. & Quandt, T. (2017). Observing the Dynamics of the online news ecosystem: news diffusion processes among German news sites. *Journalism studies*, 19(1), 79-104. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1168711>
- Carlson, M. (2014). The Robotic Reporter. Automated journalism and the redefinition of labor, compositional forms, and journalistic authority. *Digital Journalism*, 3(3), 416-431. <https://doi.org/10.1080/21670811.2014.976412>
- Carr-Saunders, A.M., & Wilson P.A. (1933). *The Professions*. Clarendon.
- Carroll, J. M., & Mentis, H. M. (2008). The useful interface experience: the role and transformation of usability. In N. J., & P. H. Schifferstein (Eds.), *Product Experience* (pp. 499-514). Elsevier.
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chambers, D. & Steiner, L. (2010). The Changing status of women journalists. In A. Stuart (Ed.) *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 49-59). Routledge.
- Chen, K. W., & Sonn, J. W. (2019). Contingent proletarianization of creative labor: Deskilling in the Xianyou classical furniture cluster. *Geoforum*, 99, 248-256. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2017.11.008>
- Cobos, T. L. (2017). New scenarios in news distribution: the impact of news aggregators like Google News in the media outlets on the web. In AA.VV (multiple authors), *Present scenarios of media production and engagement* (pp. 95-105). Edition Lumière.
- Cohen, N. S. (2012). Cultural work as a site of struggle: Freelancers and exploitation. *TripleC: Cognition, Communication, Cooperation*, 10(2), 141-155. <https://doi.org/10.31269/triplec.v10i2.384>
- Cole, B., & Cooper, C. (2006). Deskilling in the 21st century: The case of rail privatisation. *Critical Perspectives on Accounting*, 17, 601-625. <https://doi.org/10.1016/j.cpa.2003.06.011>
- Compton, J. R. (2010). Newspapers, Labor and the flux of Economic Uncertainty. In S. Allan (Ed.) (2010). *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 591-601). Routledge.
- Cottle, S. (2000). New(s) Times: Towards a Second Wave of News Ethnography. *Communications. The European Journal of Communication Research*, 25(1), 19-41. <https://doi.org/10.1515/comm.2000.25.1.19>

- den Bulck, V. (2018). Public Service Media in the networked society. What society? What Network? What Role? In G. F. Lowe, & H. V. den Bulck & K. Donders (Eds.). *Public Service Media in the Networked Society* (pp. 7-9). Nordicom.
- Deuze, M. (2001) Online journalism: Modelling the first generation of news media on the world wide web. *First Monday*, 6 (10). <https://doi.org/10.5210/fm.v6i10.893>
- Deuze, M. & Yeshua, D. (2001). Online Journalists face new ethical dilemmas: lessons from the Netherlands. *Journal of Mass Media Ethics*, 16(4), 273-292. https://doi.org/10.1207/S15327728JMME1604_03
- Deuze, M. (2005). What is Journalism? Professional Identity and Ideology of Journalists Reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-64. <https://doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Deuze, M. (2007). *Media Work*. Polity press.
- Deuze M (2009). Journalism, citizenship, and digital culture. In Z. Papacharissi (ed.), *Journalism and Citizenship* (pp. 15-28). Routledge.
- Deuze, M. (2017). Beyond Journalism: theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165-181. <https://doi.org/10.1177/1464884916688550>
- Downey, M. (2021). Partial automation and the technology-enabled deskilling of routine jobs. *Labour Economics*, 69, a101973. doi:10.1016/j.labeco.2021.101973
- Ertürk, K. A. (2019). Induced technology hypothesis. Acemoglu and Marx on deskilling (skill replacing) innovations. *Review of Social Economy*, 79(1), 2-24. <https://doi.org/10.1080/00346764.2019.1650291>
- Fenton, N. (2010). News in the Digital Age. In A. Stuart (Ed.) *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 557-567). Routledge.
- Ferris, T., Sarter, N., & Wickens, C. D. (2010). Cockpit Automation: Still Struggling to Catch Up. In E. Salas, & M. Dan (Eds.), *Human Factors in Aviation* (pp. 479-503). Academic Press.
- Forslin, J. (1990). *Deskilling and Reskilling. A Longitudinal Study of Volvo Engine Division*. *IFAC Proceedings Volumes*, 23(7), 73–84. [https://doi.org/10.1016/S1474-6670\(17\)52139-4](https://doi.org/10.1016/S1474-6670(17)52139-4)
- Gamst, F. C. (2015). Work, Sociology of. In J. D. Wright (Ed.). *International Encyclopedia of Social & Behavioral Sciences*, 2nd Edition (pp. 687-693). Elsevier.
- Gürsel, Z. D. (2016). *Image Brokers: Visualizing World News in the Age of Digital Circulation*. University of California Press.

- Hass, B. H. (2011). Intrapreneurship and corporate Venturing in the media business: a Theoretical framework and examples from the german Publishing industry. *Journal of Media Business Studies*, 8(1), 47-68. <https://doi.org/10.1080/16522354.2011.11073518>
- Hermida, A. (2019). The existential predicament when journalism moves beyond journalism. *Journalism*, 20(1), 177-180.
- Hindman, M. (2018). *The Internet trap: How the digital economy builds monopolies and undermines democracy*. Princeton University Press.
- Hirschhorn, L. (1988/2006). The Post-Industrial Economy: Labour, Skills and the New Mode of Production. *The Service Industries Journal*, 1, 19-38. <https://doi.org/10.1080/02642068800000003>
- Hjarvard, S. (2012). The study of international news. In K.B. Jensen (Ed.). *A Handbook of media and communication research: qualitative and quantitative methodologies* (pp. 91-97). Routledge.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York University Press.
- Karlsen, J., & Stavelin, E. (2014). Computational journalism in Norwegian newsrooms. *Journalism Practice*, 8(1), 34-48. <https://doi.org/10.1080/17512786.2013.813190>
- Karlsson, M. (2011). The immediacy of online news, the visibility of journalistic processes and a restructuring of journalistic authority. *Journalism*, 12(3), 279-295. <https://doi.org/10.1177/1464884910388223>
- Kim, Y. J., Garrity, E. J., & Sanders, L. (2003). Success measures of information systems. In H. Bidgoli (Ed.), *Encyclopedia of Information Systems* (pp. 299-313). Elsevier.
- Lindén, C.G. (2017). Algorithms for Journalism: the future of news story. *The Journal of Media Innovations*, 4(1), 60-76. <https://doi.org/10.5617/jmi.v4i1.2420>
- Liu, C. (2006). De-skilling Effects on Journalists: ICTs and the Labour Process of Taiwanese Newspaper Reporters. *Canadian Journal of Communication*, 31, 695-714.
- Man, G. (2004). Gender, work and migration: Deskilling chinese immigrant women in Canada. *Women's Studies International Forum*, 27(2), 135-148.
- Manovich, L. (2020). *Cultural Analytics*. The MIT Press
- Martinaitis, Ž., Christenko, A., & Antanavičius, J. (2021). Upskilling, Deskilling or Polarisation? Evidence on Change in Skills in Europe. *Work, Employment and Society*, 35(3), 451-469. <https://doi.org/10.1177/0950017020937934>

- Matos, J. N. (2017). "Mão de ferro e coração bom": neopaternalismo e precariedade no mundo do jornalismo. In J. N. Matos, C. Baptista, & F. Subtil (Orgs.), *A crise do jornalismo em Portugal* (p. 149-157). Deriva Editores & Le Monde diplomatique.
- Mir, I. (2014). Immediacy: The new enemy for journalists. *The Calgary Journal* (july 8, 2014). <https://calgaryjournal.ca/more/calgaryvoices/2294-immediacy-the-new-enemy-for-journalists.html>
- Oliveira, J. M. P. (1988). Formas de Censura Oculta na Imprensa Escrita em Portugal no Pós-25 de Abril (1974-1987) (Tese de doutoramento). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Örnebring, H. (s.d.). Journalists thinking about precarity: making sense of the new normal. ISOJ Research. <http://isoj.org/research/journalists-thinking-about-precarity-making-sense-of-the-new-normal/>
- Örnebring, H. (2009). The Two Professionalisms of Journalism: Journalism and the changing context of work. Reuters Institute for the Study of Journalism. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-11/The%20Two%20Professionalisms%20of%20Journalism_Working%20Paper.pdf
- Örnebring, H. (2010). Technology and journalism-as-labour: Historical perspectives. *Journalism*, 11(1), 57–74. doi:10.1177/1464884909350644
- Örnebring, H. (2019). Skills and Journalism. Oxford Research Encyclopedia of Communication. <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-830>
- Paugam, S. (2000a). *Le salarié de la précarité*. Presses Universitaires de France.
- Paugam, S., & Russell, H. (2000b). The effects of employment precarity and unemployment on social isolation. In D. Gallie & S. Paugam (Eds), *Welfare regimes and the experience of unemployment in Europe* (pp. 243-263). Oxford University Press.
- Rodrigues, M. J. (2009). *Europe, globalization and the Lisbon Agenda*. Edward Elgar.
- Rottwilm, P. (2014). The future of journalistic work: Its changing nature and implications. Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Saunders, P. (2001). Class: Social. In N. J. Smelser, & P. B. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 1933-1938). Pergamon.

- Singer, J. B. (2004). Strange Bedfellows? The Diffusion of Convergence in Four News Organizations. *Journalism Studies*, 5, 3-18. <https://doi.org/10.1080/1461670032000174701>
- Singer, J. B. (2010). Journalism in the Network. In A. Stuart (Ed.) *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp.277-286).. UK: Routledge
- Sonwalker, P. (2019). From by-line to bottom-line: Trust deficit in world's largest democracy. *Journalism*, 20(1), 60-63. <https://doi.org/10.1177/1464884918809270>
- Star, S. L. (2001). Science and Technology, Social Study of: Computers and Information Technology. In N. J. Smelser, & P. B. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 13638-13644). Pergamon.
- Steensen, S. (2016), The Intimization of Journalism. In A. Hermida et al (ed). *The Sage Handbook of Digital Journalism* (p.115). Sage.
- Tandoc, E.C., Jenkins, J., Craft, S. (2019). Fake News as a Critical Incident in Journalism. *Journalism Practice*, 13(6), 673-689. <https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1562958>
- Thurman, N., Dörr, K., & Kunert, J. (2017). When reporters get hands-on with robô-writing. Professionals consider automated journalism's capabilities and consequences. *Digital Journalism*, 5(10), 1240-1259. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1289819>
- van Dalen, A. (2012). The algorithms behind the headlines. How machine-written news redefines the core skills of human journalists. *Journalism Practice*, 6(5-6), 648-658. <https://doi.org/10.1080/17512786.2012.667268>
- von Rimscha, M. B. (2016). Business Models of Media Industries: Describing and Promoting Commodification. In M. B. von Rimscha (Ed.), *Managing media firms and industries: What's so special about media management?* (pp. 207-222). Springer.
- Waisbord, S. (2013). *Reinventing Professionalism: Journalism and News in Global Perspective*. Polity Press.
- Wall, T. D., & Parker, S. (2001). Job Design, Psychology of. In N. J. Smelser, & P. B. Baltes, *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 7980-7983). Pergamon.
- Wood, A. J., Graham, M., Lehtonvirta, V., & Hjorth, I. (2019). Networked but Commodified: The (Dis)Embeddedness of Digital Labour in the Gig Economy. *Sociology*, 53(5), 931–950. <https://doi.org/10.1177/0038038519828906>
- Zelizer, B. (2015). Terms of choice: uncertainty, journalism and crisis. *Journal of Communication*, 65(5), 888-908. <https://doi.org/10.1111/jcom.12157>